



**BRASIL REAL – CARTAS DE CONJUNTURA ITV. PUBLICAÇÃO QUINZENAL, Nº 5, JULHO DE 2007**

## **País vê indústria minguar e empregos migrarem**

**Síntese:** *A combinação de juros altos e câmbio valorizado está mudando as feições do parque produtivo nacional. O setor que mais sofre é a indústria, em franco processo de encolhimento. Para baixar preços e resistir um pouco mais à concorrência externa, os fabricantes têm optado por importar peças e produtos acabados. São cada vez mais comuns exemplos de fábricas desativadas no país. Em muitos casos, a saída tem sido migrar: uma em cada cinco grandes empresas do país já transferiu ou caminha para transferir parte de suas linhas industriais para a China. O país dá-se ao luxo de gerar emprego lá fora, quando precisaria abrir cerca de 2,5 milhões de novas oportunidades de trabalho por ano.*

A contínua valorização cambial, impulsionada pelo juro sem concorrência que o país teima em praticar, tem gerado alterações significativas no modo como as empresas produzem no país. Há uma mudança estrutural em marcha. Resta saber que conseqüências ela terá para uma economia ainda carente de oportunidades de trabalho e uma indústria ainda longe da maturidade. Embora os efeitos imediatos no bolso das pessoas possam parecer positivos, já que os bens de consumo tornam-se mais baratos, as perspectivas de longo prazo sugerem que o país está trilhando um perigoso caminho, limitando suas possibilidades de desenvolvimento futuro.

Há uma discussão vívida entre os analistas sobre se a indústria do Brasil está ou não perdendo peso. O debate é relevante por tratar-se do setor com maior capacidade de gerar impulsos positivos ao longo da cadeia produtiva. Se as conclusões ainda são díspares, alguns pontos parecem claros: parte significativa do segmento vem encolhendo, deixando de produzir e gerar emprego no próprio país e especializando-se em fabricar artigos de menor valor agregado e menos tecnologia. A indústria brasileira está, precocemente, ficando mais pobre, menos robusta. Perde, assim, capacidade de alavancar o restante da economia e de incluir mais pessoas nos mercados de trabalho e consumo.

### **Menos mercado, menos emprego**

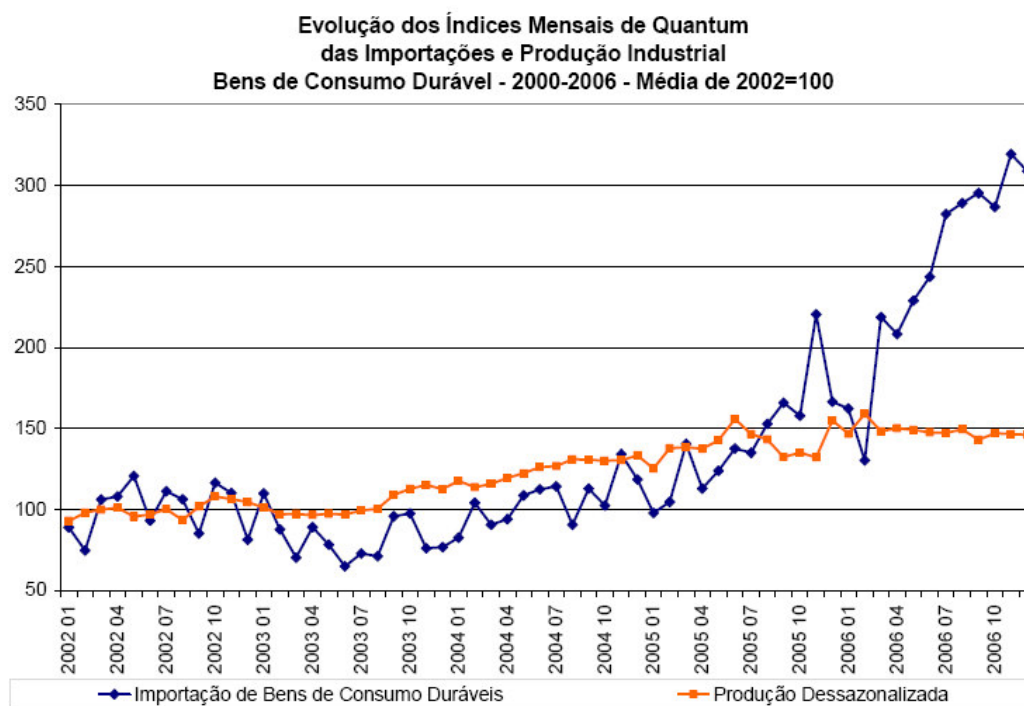
A indústria está encolhendo porque encontra dificuldades crescentes de competir com importados. Isso ocorre em razão de as cotações do dólar serem cada dia mais baixas, tornando nossos produtos menos competitivos no mercado global e os bens vindos de fora cada vez mais atraentes. Não se enxerga no horizonte tendência de alteração desse quadro. A avalanche de recursos que afluem em direção ao Brasil em busca do ganho fácil propiciado pelos juros altos – o volume de capital especulativo nos primeiros quatro meses do ano atingiu US\$ 24 bilhões, ou quase o dobro do superávit comercial do período – não oferece esperança de mudança imediata.

Ante a avassaladora concorrência externa, alguns setores correm o risco de desaparecer: comprar fora tem sido, em muitos casos, muito mais barato e cômodo do que enfrentar a burocracia e a elevada carga tributária internas. O juro alto cuida de gerar mais um desincentivo: especular é menos arriscado do

que investir. Fábricas de calçados e de têxteis encaixam-se neste padrão: param de exportar, cerram as portas e, cada vez mais, abrem espaço no mercado interno para itens produzidos em outros mercados.

Vergados pelo dólar barato, que encarece as exportações, os calçadistas vêm seu mercado no exterior estreitar: os embarques caíram 5% no ano passado. A participação brasileira no mercado de calçados dos EUA, por exemplo, que alcançara 13% em meados dos anos 90, hoje não passa de 5%. Já as empresas têxteis informam ter limado 100 mil empregos em 2006 e estimam que outros 200 mil serão perdidos este ano. São setores-símbolo do processo em marcha, mas não são os únicos.

Outros segmentos, como o de eletroeletrônicos, caminham para tornar-se mera linha de montagem de componentes fabricados no exterior. No setor de equipamentos para telefonia, por exemplo, a relação entre o valor agregado e o valor bruto da produção industrial – que fornece boa medida sobre o conteúdo nacional na produção interna – caiu à metade entre 1996 e 2004: passou de 57% para 28%, de acordo com o Iedi. Ou seja, tem sido crescente o consumo de produtos importados em detrimento da produção nacional, conforme ilustra o gráfico abaixo. No ano passado, enquanto a importação de bens de consumo durável cresceu 73%, as exportações do segmento caíram 7,3%.



Fonte: Ipeadata, Funcex e IBGE-PIM-PF.

### Solução tem sido migrar

Nova potência econômica mundial, a China tornou-se ameaça voraz ao parque produtivo brasileiro. É fato que os asiáticos contam com fatores de produção abundantes e baratos, como sua mão-de-obra e sua enorme disponibilidade de recursos financeiros. O problema é que as condições internas vigentes no Brasil tornam a concorrência com os importados chineses ainda mais árdua. A saída tem sido transferir plantas para o exterior, gerando empregos lá fora, cortando

oportunidades de trabalho aqui.

Em maio, a Confederação Nacional da Indústria ouviu 1.581 empresas industriais para saber como a concorrência chinesa tem afetado a produção local. As respostas dadas pelas grandes firmas são emblemáticas: 7% delas já produzem com fábrica própria na China; outras 5% já terceirizaram parcela de sua fabricação lá. Ou seja, 12 em cada 100 grandes empresas industriais brasileiras – as que geram mais empregos – já transferiram parte de sua produção para a China. Para completar, outras 7% planejam transferir. Com isso, em breve um quinto do conjunto dos grandes empregadores industriais brasileiros terá migrado parte de seu parque produtivo para aquele país asiático.

O movimento atinge segmentos de ponta, como o automotivo. Montadoras como General Motors e Fiat já planejam trazer veículos acabados ou em partes da China para vender no Brasil. A migração também se dirige a outros países emergentes. Maior exportadora brasileira de carrocerias, a Marcopolo transformará a Índia na sua maior plataforma de produção no mundo: de lá sairão 25 mil ônibus, a partir de 2012. Hoje, toda a produção da empresa – incluindo suas filiais no exterior – soma 17 mil unidades.

Diante dessas transformações, o resultado não poderia ser diferente: este ano, pela primeira vez na década, o Brasil deverá registrar déficit comercial com a China. Estima-se algo como US\$ 1 bilhão. Para comparar: em 2003, o saldo fora superavitário para os brasileiros em US\$ 2,4 bilhões, número que caiu para US\$ 1,5 bilhões em 2005 e US\$ 410 milhões no ano passado. Entre os segmentos deficitários está o de autopeças, alvo de penoso ajuste após a abertura comercial dos anos 90 e que agora novamente ameaça sucumbir à concorrência externa.

### **Escolhas arriscadas**

Ao perseverar na trilha do câmbio supervalorizado e dos juros elevados, o país parece fadado a pagar uma conta indigesta em termos de emprego, crescimento econômico e desenvolvimento tecnológico. Dados recentes do IBGE indicam que a indústria de alta tecnologia viu sua participação no total da produção do setor secundário encolher 16% entre 1996 e 2005. Aí estão incluídos itens como aeronaves, artigos de informática, eletrônicos e farmacêuticos. São áreas que costumam pagar salários maiores a seus trabalhadores, agregam mais tecnologia e irradiam mais incentivos ao longo da cadeia produtiva.

Igualmente preocupante é que a indústria de transformação – tradicionalmente o segmento que mais efeitos positivos gera para a economia como um todo – tem reduzido sua participação nos investimentos, como mostra estudo recente do BNDES. O mesmo ocorre com o setor de infra-estrutura. No outro extremo estão a indústria extrativa e os serviços, cujo peso nas inversões só cresce. O padrão, como se vê, é sempre o mesmo: o país assiste ao avanço dos segmentos menos empregadores, das áreas menos estruturantes, dos setores menos desenvolvidos.

Com uma indústria cada vez mais frágil, o país corre o risco de minar suas possibilidades futuras. A dificuldade em exportar e os estímulos que o câmbio dá às importações têm colaborado para fazer com que caia a rentabilidade das empresas e se freie a economia como um todo. A pergunta que fica é: que futuro o país pretende para si? As condições atuais têm permitido elevar o

consumo, à custa do barateamento de importações. No horizonte mais longo, porém, os custos desses benefícios imediatos em termos de empregos tendem a ser muito altos, comprometendo o desenvolvimento sustentado da nossa economia. As escolhas precisam ser feitas agora. Para um país que necessita gerar cerca de 2,5 milhões de novas oportunidades de trabalho apenas para acolher quem ingressa anualmente no mercado, o caminho atual não parece ser a melhor opção.



"Brasil Real - Cartas de Conjuntura ITV" é uma publicação quinzenal do Instituto Teotônio Vilela.  
Caso não queira voltar a recebê-la, clique [aqui](#).  
Se preferir, basta responder este e-mail preenchendo o campo Assunto com a palavra "Cancelamento" e seu endereço será excluído de nossa lista.

---

**INSTITUTO TEOTÔNIO VILELA**

Instituto Teotônio Vilela . Senado Federal Anexo 1 - 17º andar - Sala 1707 . Cep 70165-900 . Brasília - DF . Tel.: (61) 3311-3986 / 3311-4338 / 3224-5282 / 3323-7990 . Fax: (61) 3311-3891 . e-mail: [itv@itv.org.br](mailto:itv@itv.org.br) . site: [www.itv.org.br](http://www.itv.org.br)